

CADERNO DE MEMÓRIAS

Projeto de Extensão



**CULTURA E
SERGIPANIDADE**
VIAGEM PELO MUNDO DA LITERATURA



EDITAL Nº 08 PROEX PIAEX /UFS DE 29 DE JULHO DE 2020



CADERNO DE MEMÓRIAS
PROJETO DE EXTENSÃO CULTURA E SERGIPANIDADE: VIAGENS PELO
MUNDO DA LITERATURA

Projeto Gráfico e Diagramação | Sônia de Ávila
Revisão | Sônia Maria de Azevedo Viana
Referências bibliográficas conforme ABNT NBR

O Projeto Interinstitucional de Cultura e Sergipanidade: Viagens pelo Mundo da Literatura, envolveu a Universidade Federal de Sergipe (UFS), o Instituto Federal de Sergipe (IFS), a Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e a Faculdade Pio Décimo (FPD).

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO

Direitos para esta edição — Coordenação geral do Projeto: Av. Marechal Rondon, s/n - Departamento de Educação – sala 06 – 1º andar - Jardim Rosa Elze, São Cristóvão - SE, 49100-000
(79) 3194-6757 - E-mail: anaterra23@academico.ufs.br.

Disponível também em: www.https://ri.ufs.br/

Foto da capa
Sônia de Ávila

CADERNO DE MEMÓRIAS
PROJETO CULTURA E SERGIPANIDADE: VIAGENS PELO MUNDO DA
LITERATURA

ORGANIZAÇÃO

Profa. Dra. Ana Maria Lourenço de Azevedo - UFS Coordenadora Geral

Profa. Dra. Sônia Maria de Azevedo Viana - FPD Coordenadora Adjunta

Profa. Dra. Simone Damm Zogaib - UFS Coordenadora Adjunta

Profa. Esp. Edma Maria Souza Evangelista - FPD *Comissão Organizadora*

Prof. Dr. José Adelmo Menezes de Oliveira - IFS *Comissão Organizadora*

Sônia de Ávila - UFS Discente de extensão (bolsista)

COLABORADORES

Profa. Dra. Yolanda Dantas Oliveira - UFS

Profa. Me. Manuela Rodrigues Santos – IFS

Prof. Dr. Magno Francisco de Jesus Santos – UFRN

Prof. Dr. Jaime José da Silveira Barros de Medeiros – IFS

Profa. Dra. Maria Leônia Garcia Costa Carvalho – UFS

Profa. Dra. Ana Maria Cardoso Leal – UFS

Profa. Jeane Hora Caldas Aguiar - ALA

Profa. Dra. Rosanne Pinto de Albuquerque Melo - IFS

Prof. Me. Gustavo Aragão Cardoso - ALA

SUMÁRIO

Sumário	4
Editorial	5
INTRODUÇÃO E HISTÓRICO DO PROJETO	
AUTORAS(ES): Sônia Maria de Azevedo e José Adelmo Menezes de Oliveira	
Textos das ações do Projeto	
Uma reflexão sobre extensão universitária interinstitucional em tempos de pandemia em Sergipe	6
AUTORA: Sônia Azevedo	
Corpos femininos: (en)gedrando sentidos, existências e resistências	12
AUTORA: Manuela Rodrigues Santos	
O imaginário feminino no livro 13 bruxas entre o espelho e a alma	17
AUTORA: Ana Maria Lourenço de Azevedo	
Chico, meu velho Chico	
Uma contribuição à literatura infanto-juvenil em Sergipe	25
AUTORA: Yolanda Dantas de Oliveira	
Obras Didáticas, literárias e Pedagógicas na Educação Infantil: Uma política tardia?	29
AUTOR: José Adelmo Menezes de Oliveira	
Biblioteca e ação PNL	33
AUTORA: Edma Maria Sousa Evangelista Leite	
Algumas Considerações	37
AUTORAS: Simone Damm Zogaib e Ana Maria Lourenço de Azevedo	
Depoimento	40
Sônia de Ávila	
Carta de Manifestação de Interesse ao Projeto (bolsista aprovada)	41
Extratos, comentários sobre os eventos	42
Referências	43

INTRODUÇÃO E HISTÓRICO DO PROJETO

O Projeto “Literatura, Cultura e Sergipanidade”: viagens culturais pelo mundo da literatura constitui-se nesse momento de pandemia, como uma proposta de interlocução entre quatro instituições de educação superior (UFS, UFRN, IFES, FPD), envolvendo os Cursos de Licenciatura, e organiza-se como espaço de mobilização de docentes e discentes para valorizar a cultura sergipana na perspectiva da valorização da identidade em várias dimensões na Academia. Tem como objetivo geral: promover espaços on-line de discussão, interpretação e socialização da cultura, organizando um acervo literário com um repertório diversificado (ficção, literatura infantil, cordel, poesias e, contação de estórias) com foco na literatura sergipana, de modo a seduzir o leitor para conhecer o engenho dos nossos escritores e consequentemente se apropriarem de um conhecimento singular que interpreta e identifica a formação e o desenvolvimento da nossa história. Justifica-se pela possibilidade de partear com a Comunidade Acadêmica e a sociedade sergipana, novas formas de comunicação, produção de sentido e aprendizagem através de diferentes linguagens literárias que darão o testemunho histórico da diversidade cultural e da pluralidade dos saberes e práticas educativas, inalienáveis para nortear a busca coletiva e incessante da verdade, do bem e do belo.

O Projeto visa promover por meio da literatura, o alargamento da visão de mundo e o aprofundamento epistemológico das questões culturais, a partir da literatura sergipana em diferentes contextos e épocas. O Possibilitar o intercâmbio entre docentes e discentes de instituições formadoras na área das ciências humanas, por meio de leituras culturais, fomentando o hábito da leitura e da escrita, através de variadas formas de comunicação, relatos e práticas que contribuam para alargar o conhecimento acadêmico e do mundo. O Possibilitar o intercâmbio entre docentes e discentes de instituições formadoras na área das ciências humanas, por meio de leituras culturais, fomentando o hábito da leitura e da escrita, através de variadas formas de comunicação, relatos e práticas que contribuam para alargar o conhecimento acadêmico e do mundo. O Contribuir para superar as inúmeras limitações que se interpõem na formação de competências essenciais para o sucesso da vida acadêmica, da vida pessoal e da vida profissional, inerentes ao domínio da leitura e da escrita para um bom desenvolvimento da capacidade compreensiva, argumentativa, interpretativa e produtiva. O Contribuir com a produção de um caderno de textos, como registro e memória, resultado das discussões das lives e webnários, emanadas do projeto.



José Adelmo Menezes de Oliveira

Sônia Maria de Azevedo Viana



UMA REFLEXÃO SOBRE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA INTERINSTITUCIONAL EM TEMPOS DE PANDEMIA EM SERGIPE

Sônia Azevedo

Deste núcleo genuíno e por pequenos passos, se deve partir para transformar as atividades de extensão até que elas transformem a universidade. (...) A universidade deverá criar espaços de interação com a comunidade envolvente, onde seja possível, identificar eventuais atuações e definir prioridades. Sempre que possível, as atividades de extensão devem incluir estudantes e mesmo funcionários. Devem ser pensadas novas formas de "serviço cívico" em associações, cooperativas e comunidades, etc., etc., as atividades. SANTOS, Boaventura. (1999:229)

Estamos vivendo tempos difíceis e extraordinários. O mundo repentinamente foi surpreendido com uma situação para a qual ninguém tinha, ou tem ainda, o controle e tampouco a solução definitiva para um realinhamento imediato da rotina escolar e acadêmica, distanciada dos procedimentos já conhecidos, experimentados e validados, no intuito de tentar preservar a saúde de todos. Desde o anúncio da pandemia, pela OMS, em março de 2020 nossos percursos de vida, de estudos e de trabalho, passaram a ocorrer fora do padrão que caracterizava formas de agir já legitimadas. A rotina já não poderia ser cumprida da mesma maneira que antes da pandemia e tornou-se urgente criar uma nova forma de amanhecer a vida e o trabalho, refletindo sobre a nossa condição humana na magnitude do universo que nos envolveu, e envolve ainda, através dos fatos que desestruturam a realidade, e a desviaram do seu curso normal, trazendo consequências que nos obrigaram a pensar em novos percursos sociais e educativos, diante das circunstâncias inesperadas.

Nesse sentido, tornou-se essencial aguçar o olhar social e educativo para enxergar com mais clareza a totalidade das questões e as particularidades das circunstâncias que nos tocaram mais de perto, afetando as nossas relações acadêmicas, pedagógicas e culturais, exigindo

posicionamentos, tomada de decisão, e, principalmente, exigindo reaprendizagem, inovação, resiliência, flexibilidade, e, sobretudo esperança.

Foi assim, que no âmbito da Extensão Universitária, sentimos a urgência de concretizar o ideal do trabalho interativo e interdisciplinar e sentimos a necessidade de abrir espaços interinstitucionais para troca de experiências e proposições, de diálogos e de compartilhamentos de ações. Por isso fomos extensivos na emergência das condições extraordinárias que vivenciamos, e nos estendemos, compreendendo a necessidade de criar pontes interinstitucionais, abrindo passagens para uma nova forma de comunicação acadêmica, antes tida como difícil de se concretizar. Estamos falando aqui das possibilidades de estabelecer parcerias institucionais, unindo esforços significativos para compreender e superar os limites postos por esse momento de pandemia, assumindo, com a força do diálogo coletivo, o desafio da ultrapassagem das cercanias e isolamentos, muitos, postos desde antes da pandemia.

Para Santos, 2020, a pandemia vem apenas agravar uma situação de crise a que a população mundial tem vindo a ser sujeita, especialmente nos últimos quarenta anos. Nesse sentido podemos constatar que estamos vivenciando “a normalidade da exceção”, porque, como considera Santos (2020, p. 5), “A atual pandemia não é uma situação de crise claramente contraposta a uma situação de normalidade.”

O surto viral pulveriza este senso comum e evapora a segurança de um dia para o outro. Sabemos que a pandemia não é cega e tem alvos privilegiados, mas mesmo assim cria-se com ela uma consciência de comunhão planetária, de algum modo democrática. A etimologia do termo pandemia diz isso mesmo: todo o povo. A tragédia é que neste caso a melhor maneira de sermos solidários uns com os outros é isolarmo-nos uns dos outros e nem sequer nos tocarmos. É uma estranha comunhão de destinos. Não serão possíveis outras? (SANTOS, 2020, p.7)

Podemos dizer com Santos (2020), que a claridade pandêmica e as aspirações que ela materializa nesse momento, diante do processo obrigatório de distanciamento, que contraditoriamente nos permite ver melhor o que nos falta, apenas evidencia que muito antes já direcionávamos nosso olhar para essa perspectiva de interatividade dialógica e democrática, promotora de

proximidade interinstitucional, de troca de saberes e de experiências enriquecedoras.

Assim, na “normalidade da exceção” criamos estratégias de compartilhamento de ações, mobilizados pela necessidade crescente de vivenciar outras formas de aproximação pela capacidade de invenção de novas abordagens institucionais visando atender melhor à comunidade acadêmica e aos grupos sociais envolvidos e beneficiados com a realização de um trabalho mais coletivo.

Nasceu a possibilidade da ação extensiva interinstitucional como resultado de preocupações e compromissos com a educação superior na perspectiva de fortalecimento das experiências de formação profissional. Reuniões, Conversas informais, ideias socializadas entre professores que já se conheciam de contatos antecedentes, buscando a renovação das suas experiências, experimentações, num grupo de referências dos cursos de formação, essencialmente no âmbito da Pedagogia, cujas práticas envolvem a educação de crianças e jovens em espaços escolares que carecem de ser preenchidos pela magia da cultura manifestada em suas múltiplas faces.

Nessa perspectiva, podemos dizer que foi necessário inaugurar, primeiro dentro de nós mesmos, um novo modo de sentir o mundo à nossa volta, com o coração emocionado pelo que o nosso olhar mais assertivo pode alcançar em circunstâncias tão peculiares, atingindo, sem dúvida, a integridade vital dos envolvidos pela pandemia em situação de alto risco ou de maior fragilidade. É certo dizer, que estamos, pois, nesse momento, sem referências sólidas, sem certezas conclusivas e definitivas, vulneráveis diante dos riscos aos quais nos expomos diariamente em meio às contradições sociais e conflitos econômicos, educacionais, culturais e políticos.

Diante desse cenário crítico, ao mesmo tempo constrangedor e promotor, nos mobilizamos para dar conta das ações de extensão e formação profissional que nos competiam no âmbito das instituições de ensino superior que assumimos. O itinerário que trilhamos nessa condição emergencial desacomodou a nossa vida cotidiana, e nos permitiu constatar com mais clareza as ausências e vazios que revelaram as dificuldades e a falta de

condições de setores fundamentais da sociedade, como a saúde, a educação, o meio ambiente, a cultura e a economia, como espaços essenciais para assegurar o enfrentamento da condição extraordinária que vivenciávamos, sem perder de vista a energia que nos movia permanentemente: o compromisso de efetivar o direito de todos à educação, a cultura e a aprendizagem, e principalmente o direito a uma vida saudável e digna.

Nesse contexto mais específico do qual estamos falando, em que se insere a educação superior, nos deparamos com um sistema que já vivenciava antes da pandemia, muitos desafios, ampliados com a perspectiva de isolamento social, realçando nossos receios e o desejo de superar inúmeros problemas. Nós! Todos nós! Professores, alunos, famílias, gestores, comunidades, fomos atingidas em cheio. Nós! Instituições educativas de nível superior, especialmente as que optaram desde a sua origem pela oferta da educação presencial, e, no entanto, foram obrigatoriamente e momentaneamente distanciadas, privados da presença física do outro, com o objetivo primordial de preservar a saúde e garantir o direito universal, fundamental, à vida.

Coube então, a todos nós, que compomos o coletivo educativo institucional, no ensino superior, reaprender e renovar nossa forma de ensinar e de gerenciar a educação, e isso, somente se tornou possível de forma mais efetiva porque pudemos antes, nos educar no domínio das novas possibilidades estratégicas que emergiram para criar uma nova via de aproximação e diálogo com os nossos alunos, com as famílias, ambientes de trabalho, com as comunidades e com outras instituições igualmente preocupadas com os desafios circunstanciado ao momento da pandemia.

Vivemos então um período diferenciado, que nos pôs distanciados da rotina conhecida e já consolidada que enchia de movimento o pátio, os corredores e salas de aula, com o ruidoso barulho das vozes dos nossos alunos em aberta e permanente interação. Passamos a sentir falta do olhar cúmplice que abria vias de acesso na relação professor-alunos no espaço planejado, controlado, das salas de aula. O distanciamento trouxe um certo incômodo, deixou um vazio que precisava ser preenchido com instrumentos

que estendessem novas pontes virtuais de aproximação e nos dessa condição de falar e ouvir o outro através das salas sem paredes. Passamos a aprender agora, e isso nos surpreendeu e enriqueceu, através de lives, videoconferências, webinars, e inúmeros canais virtuais que se apresentaram como vias navegáveis adequadas para acessar e socializar os conhecimentos necessários à continuidade dos nossos estudos, do nosso trabalho, da nossa vida, criando novos hábitos de ensino e de aprendizagem, de interação social e de trabalho.

Assim, podemos afirmar que, instados pela situação de crise universal, aos poucos fomos vencendo nossas dificuldades, experimentando essa nova forma de mediar as relações educativas; aos poucos fomos nos adaptando e sentindo que estávamos aprendendo de modo igualmente significativo, mesmo quando externávamos nossas dúvidas, mesmo quando achávamos que não daríamos conta de resolver todas as questões apresentadas. Mesmo assim, reconhecemos o valor do que estávamos aprendendo juntos, valorizando o alto significado das novas e importantes lições, exercitadas no compartilhamento mais generoso dos nossos saberes, das nossas dúvidas, das nossas incertezas, porque compartilhamos agora, muito mais do que um Plano Didático de Conhecimentos, compartilhamos nossa vontade firme de somar com outros iguais, aproveitando a diversidade das experiências de cada um, para continuar ensinando, aprendendo e levando conhecimento para nossas comunidades. Isso não mudou! Creio que não mudará nunca! Ensinar e aprender é vínculo essencial para mover o mundo hoje e sempre. Por isso estamos aqui. Porque escutamos nossos alunos e ouvimos o desejo de continuar aprendendo, mas também ouvimos as suas dificuldades e vislumbramos as possibilidades de avançar nessa perspectiva alvissareira de um futuro próximo, que nos permitirá superar a crise e avançar de forma confiante, comprometida e fraterna sobre os caminhos que estamos desenhando para descobrir uma nova maneira de viver, de ser, de ensinar e de aprender, e que vamos, passo a passo, construindo com as novas formas de aproximação interinstitucional, fora da nossa velha e boa rotina de isolamento institucional.

Na pandemia fomos mobilizados para criar novos parâmetros de diálogo e de relacionamento pedagógico, e com toda certeza, essa experiência desafiadora, fruto de um momento difícil, servirá de base para erguermos novos pilares da educação superior, para além do modo presencial de aprender e para além do modo de ensinar à distância, porque outras práticas estão sendo inventadas e reinventadas, a todo momento, por cada um de nós, porque nós somos os principais protagonistas dessa história. Sabemos que há um “novo normal” que nos aguarda, trazendo um cenário que continuará nos desafiando e convidando para desenhar os seus contornos, expressando a nossa capacidade de criação e de renovação; de resiliência e de adaptação, mas principalmente de esperança e compromisso para gestar dias melhores. Nós, professores das instituições de ensino superior, não recusaremos nossa presença ativa e pensante. Contribuiremos com as nossas ideias, com o nosso compromisso, experiência e respeito aos alunos que confiam, há muitas décadas, na qualidade do nosso trabalho de formação profissional e na seriedade e compromisso que construiu, ao longo da história, a confiança da comunidade no conhecimento produzido pelas ciências no contexto das Universidades, e que, a extensão universitária, em seu novo formato curricular, fomenta, junto a outras instituições, passagens, e diálogos, parcerias e aproximações necessárias para criar novas vias acadêmicas excepcionalmente extraordinárias.



Sônia Maria de Azevedo Viana

Doutora em Educação pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Professora da Rede Municipal de Ensino de Aracaju/SE. Coordenadora do Núcleo de pesquisa, pós graduação e extensão da Faculdade Pio Décimo.
E-mail: sonia@piodecimo.edu.br

Referência

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A cruel pedagogia do Vírus**. Edições Almedina,S.A, Coimbra: Portugal 2020.

CORPOS FEMININOS: (EN)GENDRANDO SENTIDOS, EXISTÊNCIAS E RESISTÊNCIAS

Manuela Rodrigues Santos (IFS/UnB)

O corpo feminino, essa alteridade rebelde que encarna as tensões binárias Eva/Lilith, emerge não só como lugar de efetivação de tudo que somos, dando materialidade às identidades; mas também como um constructo social no qual são inscritos, a partir dos padrões e referências, valores e sentidos da sociedade. O corpo é uma espécie de escrita viva em que as forças e dinâmicas culturais imprimem ressonâncias, cavam caminhos e estabelecem laços sociais. Por essa razão, tanto os corpos quanto as identidades são alteradas pelo mundo fluido que promove deslocamentos e mudanças, moldando-se, alterando-se e adaptando-se às novas circunstâncias que lhes são impostas. O corpo é, portanto, um lugar de múltiplas significações, um “local de inscrições sociais, políticas, culturais e geográficas” (XAVIER, 2007).

Para Merleau-Ponty (2018), o corpo nos faz estar no mundo e desencadeia processos capazes de garantir a produção de significados ao transformar a realidade física em realidade vivida. É ele que percebe, que sente, que nos permite organizar o sentido da vida, a reatualizar o mundo a partir do vivido, do experimentado. Por isso, seus atos, gestos e práticas são elementos da cultura e retratam sistemas específicos, organizam os modos de vida e as normas regulatórias pelas quais o ser humano torna-se inteligível. São elas que, ao incidirem sobre o sexo, atuam de maneira performática para construir a materialidade do corpo e, mais especificamente, “para materializar o sexo do corpo, a diferença sexual a serviço da consolidação do imperativo heterossexual” (BUTLER, 2002, p.164). Nossos corpos, então, são gendrados, sexualizados e racializados num contexto sustentado pela colonialidade e pela heterocisnormatividade que atravessam não só os processos de construção e compreensão da mulheridade, mas também as formas de estar no mundo e as lutas empreendidas nesse lugar. Mas afinal, que corpos são esses?

O corpo abjeto relaciona-se a todo tipo de corpo cuja vida não é considerada vivível e cuja materialidade é entendida como não importante. São corpos que estão vivos, mas fora da política da existência, pois não são reconhecidos como uma vida, sendo marcados pelo ódio, pelo nojo, pelo medo e pela repulsa. Eis a dimensão do corpo de Maria, a protagonista do conto “Maria Cicatrizada”, presente no livro *Contos Transantropológicos* de Atena Beauvoir. Maria, uma garota pobre, negra e travesti tem sua existência negada desde a tenra idade. Aos quinze anos, ela já sabe o que é ser desprezada pela família e sente na pele a violência daqueles que deveriam acolher e proteger.

Maria vai à procura do seu pai. Atravessou o bairro até chegar ao casebre paterno. Estava tudo fechado, as luzes apagadas. Ela estava cansada e fazia muito calor. Sentou-se e aguardou seu pai retornar do trabalho. Quando ele chega em casa, logo ao abrir o portão, percebe sua filha vestida com roupas de mulher. Um pedaço de madeira voa em direção ao rosto de Maria, deixando uma marca roxa. Em seguida, ela é arrastada para dentro da casa. Recebe uma surra, dessa vez nas costas. Um chute mordaz e violento é desferido em sua boca (BEAUVOIR, 2018, p.69).

Sem família, acaba no juizado de menores, sendo acolhida por uma tia que sem pestanejar a tranca com seus dois filhos adultos que a estupram a madrugada inteira. Posteriormente, é presa e levada à casa de detenção. Maria aprende mais uma vez o que é ser rejeitada, violentada, estuprada, dilacerada, reduzindo-se a uma pseudoexistência para não sofrer. Essa Maria parece fazer ecoar a voz de outra Maria em sua reflexão sobre os corpos trans: “foi graças à violência dos outros que pude compreender o que causava ao expressar minha subjetividade em meu corpo, minha corpa, essa corPotência de burlar as regras de gênero” (LUCAS, 2020, p.06). Como consequência, a personagem encontra-se cada vez mais desnutrida de existência, embora lute para continuar viva em um mundo que insiste em violentá-la, desumanizá-la, matá-la.

Maria não conseguiu existir como Maria. Tinha somente 15 anos. Negra, periférica, jovem, mulher e travesti. Maria não vai se aposentar. É difícil encontrarmos travestis com mais de 60 anos. Não pensam em se aposentar, pois sequer conseguem uma vida de existência digna. A média no Brasil é de 36 anos. Maria só tem mais 21 de vida. Mas não há vida sem existência. E Maria existe? Maria não está aqui para responder. Só podemos lembrar dela. Perdoe eles, Maria, pois não sabem o que fazem (BEAUVOIR, 2018, p.72).

Seu corpo é lido como uma afronta em um misto de repulsa e abjeção que explode em atos constantes de violências e de negação de sua humanidade. E por isso, segue sendo “um corpo-erro fadado ao isolamento social, aliado ao vexame público” (LUCAS, 2020, p.04) e às múltiplas agressões quotidianas da cisgeneridade tóxica. Seu corpo torna-se apenas carne, reduzida a sua dissolução. Silenciam-se as marcas da diferença, calam-se as vidas que não deveriam existir.

Já o corpo erotizado é um corpo que vive sua sexualidade plenamente e que busca usufruir do prazer. Fugindo desse lugar que a reduz a mero objeto de satisfação do masculino, o corpo feminino se faz erotizado para satisfazer-se e para conhecer-se, pois como afirma Audre Lorde (2018, p.71), “o erótico é que estimula e vela pelo nosso mais profundo conhecimento. [...] Nosso conhecimento erótico nos empodera”. É nesse processo de encontro consigo proporcionado pelo erótico que nos deparamos com a narradora do conto “O sexo entre duas mulheres não é assim tão simples; é assim”, presente no livro *Ninguém vai lembrar de mim* de Gabriela Soutelo. Aqui, o erótico tanto emerge das expressões físicas, emocionais e psíquicas daquilo que é mais profundo no ser humano; quanto desencadeia um processo de autoconhecimento, de compreensão de si e do outro de forma intensa e profunda. Ele se torna elemento de conexão, pois só atinge sua plenitude com o outro, numa troca que não diz respeito apenas ao que se faz; mas à intensidade e à completude do que se sente no fazer.

No dia em que a asa da xícara quebrou você dormiu comigo um sono leve – bem leve mesmo, desses que qualquer respiração faz acordar: você acordava e me acordava assim leve, assim meio peso, à noite, às 4h36 da madrugada, você passava a mão na minha bunda que tava bem sem nada porque era assim que a gente dormia: sem nada; e eu ainda dormindo você subia em cima de mim e era aquele estado de torpor meio peso sobre corpo meio leve de sonho meio bruto de pressão meio seco de invasão era ali que eu me molhava e gozava onírica, era ali seu suor sua pele riscada seu gemido em cima de mim era ali que eu não pensava no que fosse contrário ao sim (SOUTELLO, 2019, p.35).

Ao deixá-lo fluir sem culpa, sem medo, sem os grilhões a que foi relegado à sexualidade feminina, rompe-se com esse medo mais profundo a que fomos educadas a temer. A narradora cada vez mais toma as rédeas de sua sexualidade e ao fazê-lo experimenta a liberdade de ser dona de si

mesma, experimenta a força e a coragem para enfrentar esse sistema-mundo moderno colonial heterocisnormativo e patriarcal. Para Audre Lorde (2019), quando a mulher ignora a si mesma na satisfação de seus desejos, ela reduz-se a mero objeto de satisfação do outro. E isso, aprisiona, oprime. Ao conectar-se, ao compartilhar rompem-se as amarras do autoapagamento e da autonegação imposta pela sociedade patriarcal. Os atos contra a opressão se tornam parte integral do ser, motivando e empoderando desde dentro.

Nesses dias, assim terça-feira, eu corro vez ou outra pra cama pros dedos pro cheiro que misturava antes com o seu e me vem na pálpebra, bem no canto, sua cortina laranja e seu corte de cabelo e o rasgo – o rasgo que você abriu e me permitiu me enxergar assim numa análise bem fake psicanalítica, autointerna mesmo, eu mulher, eu, mulheres, rasgo assim sexual, rasgo assim estrutura (SOUTELLO, 2019, p.36).

Como vimos, ao conceber o corpo como esse lugar de contestação e de luta, a literatura de autoria feminina contemporânea vem engendrando um universo narrativo que problematiza as dimensões da mulheridade a partir de suas subjetividades corporificadas. Rompe-se o silêncio, transformando-o em linguagem e ação, pois, afirma Bell hooks (2019, p.36), “para nós, a fala verdadeira não é somente uma expressão de poder criativo, é um ato de resistência, um gesto político que desafia políticas de dominação que nos conservam anônimos e mudo. Sendo assim, é um ato de coragem”. Por isso, ao contarem suas histórias, ao narrarem o mundo que veem e vivem, tornam-se vozes orquestradas para a resistência e para a mudança.



Manuela Rodrigues Santos

Mestre em Sociologia pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Professora do Instituto Federal de Sergipe (IFS). Integrante do Grupo de Estudos em Literatura Brasileira Contemporânea (UnB) e do Grupo Sociedade, Educação e Tecnologias (IFS). (manurodrigues2512@gmail.com)

Referências

BEAUVOIR, Atena. **Contos transantropológicos**. Porto Alegre: Taverna, 2018. 176p.

BUTLER, Judith. Como os corpos se tornam matéria. Entrevistada por Irene Meijer e Baukj Prins. **Revista Estudos Feministas**, v. 10, n. 1, 2002. p.155-167.

LORDE, Audre. **Irmã outsider**: ensaios e conferências. Tradução: Stephanie Borges. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. 237p.

LUCAS, Maria. Próteses de proteção. **Revista Serrote**, São Paulo, n. 35-36, nov. 2020. p.01-17.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Tradução: Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2018. 662p.

SOUTELLO, Gabriela. **Ninguém vai lembrar de mim**. São Paulo: Pólen, 2019. 104p.

XAVIER, Elódia. **Que corpo é esse? O corpo no imaginário feminino**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2007. 201p.

O IMAGINÁRIO FEMININO NO LIVRO 13 BRUXAS ENTRE O ESPELHO E A ALMA

Ana Maria Lourenço de Azevedo

As questões acerca do imaginário feminino é secular e se manifesta, nas diversas culturas e manifestações do imaginário social; nas artes, na literatura, nos contos populares, nos distintos contornos de expressão e áreas do conhecimento, as representações desse imaginário, convêm para a modelagem de determinadas subjetividades sobre o feminino, o corpo, a mulher, mas essencialmente para produzir variadas formas de controle e dominação sobre ela.

O Feminino está representado em toda arte e em especial, na literatura carregando arquétipos, heranças ancestrais da humanidade. Entre eles estão, o príncipe encantado, a feiticeira, o casamento, a mulher em suas particularidades e distintas em períodos diversos são parte de uma simbologia e representação do imaginário social.

Este breve texto, tece assim, um resumo de alguns extratos da apresentação da nossa participação em mesa redonda com o tema: Imaginário Feminino; evento que fez parte do Projeto Cultura e Sergipanidade.; projeto cadastrado no SIGAA da Universidade Federal de Sergipe/ UFS, atendeu às especificações do EDITAL N° 08 PROEX PIAEX /UFS de 29 de julho de 2020, evidenciando autores, obras e estilos da literatura sergipana.

Desse modo, iniciamos a apresentação buscando delimitar o tema em duas categorias: *imaginário* e *feminino* e algumas interfaces, debatendo sobre identidades, perfis do feminino na literatura. O que é imaginário: Construção do conhecimento humano - um conjunto de imagens, símbolos e signos, memória e imaginação de um grupo de indivíduos de uma comunidade específica de categorias variadas de uma cultura e sociedade.

Cada sociedade cria suas ideologias (crenças), utopias (ideias impossíveis de serem concebidas), rituais e mitos (por exemplo, o mito do herói, da princesa). Cada um de nós, repete ideias/crenças baseadas em informações “falsas” e que foram criadas socialmente em nossas mentes. Qual é o perigo que está escondido por trás de nosso imaginário social? E o Feminino? Como e por meio de que é constituído? está inserido nos discursos – Imaginários – ideologia sendo sempre uma instância de gênero secundária. Pensando em feminino demos alguns exemplos: Qual o corpo feminino idealizado em nosso imaginário? Geralmente são representações sexuais, provocantes, esbeltos, que traduzem o sucesso estético do mercado na cena social. Historicamente vimos que o culto milenar à Santa Mãezinha tem sido substituído pelo da Mulher Maravilha e este novo tempo, não possibilita a mulher momentos para cuidar de si, sua corporeidade, seu prazer. Destacamos ainda, a (de) igualdade da mulher em muitos contextos social, mesmo com a clara evolução de suas autorias, competências e protagonismos. Como diz Michelle Perrot “no palco da memória, as mulheres são sombras tênues”.

De forma bem resumida, sem uma análise aqui mais criteriosa, podemos dizer que o pecado de Eva foi o sexo - mulher ideal, um modelo de santidade, sempre prontas a cuidar, obedientes e assexuadas, já contraditoriamente, o mito de Lilith (segundo o antigo folclore judaico), a primeira mulher de Adão que, rebelou-se contra a sua “superioridade” masculina, o que a torna uma figura problemática para o judaísmo e para o catolicismo, religiões patriarcais. O Imaginário feminino em sua historicidade guarda assim, diversos modelos das representações do feminino. Como um museu latente, é na dimensão imaginário que a mulher pode confrontar com padrões que limitam a sua autonomia e a expansão de sua personalidade. Explorando o imaginário da mulher brasileira se encontram, portanto, os contrários, a Eva e a Lilith, opostos que representam potencialidades arquetípicas femininas. Abordamos ainda na apresentação, sobre as princesas “rebeldes” (1989-1998) e ilustramos com dois contos de fadas: O conto de Hans Christian Andersen, A princesa Ariel, filha do Rei Tritão - metade humana e metade animal contraria as ordens de seu pai para salvar o jovem Eric de um naufrágio. Ariel se apaixona por Eric e torna-se humana para viver este amor. A princesa Bela - personagem do conto

A Bela e a Fera de Gabrielle-Suzanne Barbot. Bela é amante dos livros e apresenta, a preocupação com a formação intelectual feminina (o que já fazia parte do cotidiano das mulheres da época). Seu pai é prisioneiro de uma Fera, e para libertá-lo, Bela troca de lugar com ele e no percurso da convivência se apaixona pela Fera, não pela beleza, mas pelas suas nobres ações. Assim, por meio do amor, liberta o príncipe da maldição, inverte os papéis básicos da donzela salva por um príncipe - a figura feminina retratada como a heroína da estória, questionando nesta obra a supervalorização da beleza física como atributo essencial.

A apresentação do tema imaginário, partiu de inspiração e relatos narrativos que estão contemplados no romance que escrevemos em 2018: *13 Bruxas entre o espelho e a alma*, que aborda os sentimentos e desejos femininos em narrativas de 13 mulheres sergipanas com suas e histórias de vida que envolvem (amor, paixão, morte, desejos, profecias, em suas mais diversas formas e expressões). Narrativas de bruxas mulheres: tantas, distintas, juntas e misturadas, recatadas, amantes, inconstantes, sofridas, paridas, que carregam as latas d'águas na cabeça, que sonham, choram, suspiram por seus homens, que são prenhes de sentidos, de cobiças, de ardências.

No livro eu digo: o tema do feminino sempre me buscou para dizer coisas do bendizer. E eu aqui como instrumento do poder divino me entrego à inspiração que me abarca e me possui quando escrevo com todo o meu alento. Falar de mulheres bruxas me encanta. Falar do feminino me apaixona. Falar de seres em que muitos desacreditam é um precioso desafio de enunciar sobre a decadência aprazível das experiências humanas, contadas contos e com encantos de livres ideias.

Me perguntaram certa vez: porque escrever sobre bruxas? Respondi que escrevo para descortinar o mito de que as bruxas existem e são mulheres que vivem em um tempo que se estende para além dos séculos e dos limites conhecidos no calendário que inventamos para marcar os rituais da nossa vida ordinária. O espaço do romance é real e se desdobra na região sergipana,

referendando uma paisagem magnífica que somente se pode ver com olhos movidos pela magia que eleva o espírito humano e o faz atravessar as pontes erguidas sobre o mundo razoável das aparências que nos contém. O espelho na obra referida é portal que se abre à natividade do mistério que nos possui como presença feminina soberana, comandando pés alados, que sobrevoam o mais absoluto silêncio, desenclausurando as vozes d'alma.

Creio ser importante demarcar que o corpo das mulheres é sempre resultado provisório, inacabado das histórias que vivenciaram atravessado e constituído por uma fabricação dos sentidos, dos deleites ou desagradados que nele se estamparam como sinais compartilhados com a alma de cada uma delas, em suas andanças como ciganas de espaços inusitados, como anjos de mil constelações. Não duvido que as mulheres continuem eternas no tempo e que todas persistem sendo deusas e heroínas de suas próprias histórias. Inspira-me uma dessas histórias que diz:

“As danaides foram as 50 filhas do rei Dánao, irmão gêmeo de Egipto, que tinha outros 50 filhos varões. Após disputa com seu irmão Egipto pelas terras do Egito, aconselhado por Atenas, Dánao se exilou com suas filhas em Argos, utilizando um barco de 50 remos. Em agradecimento as danaides ergueram em Argos um templo em honra de Atena, quando Dánao se tornou rei de Argos, a região padeceu uma enorme seca. As danaides foram enviadas a procurar água, e uma delas, Amimone, foi importunada por um sátiro. Ouvindo seus gritos, Poseidon veio em seu socorro e lançou seu tridente contra o agressor. Enquanto o agressor fugiu, o tridente bateu em uma rocha de onde jorrou três fontes de água, salvando a cidade de Argos da seca. Egipto querendo usufruir das fontes mandou seus 50 filhos até Dánao pedindo que permitisse que eles se casassem com suas 50 filhas. Dánao desejou aproveitar a oportunidade para vingar-se do exílio que lhe havia sido imposto tempos atrás. Assim, Dánao permitiu o casamento, mas aconselhou que suas filhas levassem uma adaga na noite do casamento e matassem seus respectivos maridos. Hipermnestra, a maior das danaides, não executou seu marido, Linceu, porque quando se encontraram, se apaixonaram. Por isso, foi

submetida a um julgamento por desobediência a seu pai, mas foi absolvida por Afrodite que se comoveu pelo amor dos apaixonados. Algum tempo depois, Dánao estava em dificuldades para casar novamente suas filhas. Dánao organizou uns jogos e ofereceu a mão de cada uma das quarenta e nove filhas aos quarenta e nove vencedores dos jogos, mas nenhum pretendente apareceu. Quando Dánao faleceu, Linceu foi coroado rei de Argos e as 49 danaides foram condenadas a encher com água um tonel sem fundos. A expressão “tonel das Danaides”, passou a se constituir, figuradamente, o empenho eterno porque nunca conclui o trabalho feito amiúde sem que nunca apresente um efeito favorável.”

Hipermnestra pode ser a configuração de tantas mulheres apaixonadas que quebram as regras sociais e não trincam seus amores. Talvez as conheçamos nesse novo tempo onde os mitos, as lendas antigas se tornam urbanas. As lendas que fazem tanta falta para dar conta dos aflitivos e complexos processos mundanos.

A seguir alguns extratos narrativos do Livro 13 Bruxas entre o espelho e a alma:

A PROSTITUTA

“As moças vestiam seus vestidos brancos, pois se tivessem se “perdido” e feito a entrega do seu corpo estaria maculada e não poderiam se enfeitar da brancura rendada, estariam impuras, profanadas por amar sem tempo marcado no calendário dos bons modos. Era um tempo de negação das sensações que o corpo anunciava. Não se falava do corpo, a alma era importante, o corpo não, a alma santuário de leveza e de divindade, o corpo de sacrilégio. Havia que se cuidar do corpo para não manchar a alma de pecado. As regras de decoro social eram tão impostas e tão aterradoras! A forma de se vestir, a forma de sentar, de andar, de se tocar, todas tinham imposição de uma conduta enquadrada nos valores morais rigidamente constituídos em especial para as mulheres.

Uma das prostitutas dizia em suas conversas pitorescas: – A minha avó, na Capela no dia do casamento, deitou-se com o seu amor, vestida com um vestido simples de algodão, o seu melhor, e tremeu de medo do que viria depois; ninguém ousou falar com ela sobre a noite de núpcias. Os homens, valentes heróis, deveriam cumprir o ritual sagrado do amor sem saber também como lidar muitas vezes com a inexperiência da sua mulher; sabiam, no entanto, que elas deveriam se comportar como moças castas, puras a espera do seu comando sem compartilhar prazer, que este era reservado para outras mulheres da rua”.

A LOUCA

Ela entrou no mar de olhos fechados sentindo o vento e a água baterem em seu rosto, molhar seus cabelos já tão sem viço. Foi se acomodando no berço do mar, se deixando flutuar olhando com seus olhos desmesuradamente abertos o vazio de um mundo já tão sem coloração para ela. O céu estava ali tão avermelhado naquele final de tarde, corando com a sua insensatez. De repente, nada mais a temer, soltou-se numa entrega total, doou o seu corpo frágil que ficava leve como se os braços de sua mãe a balançasse cantando suas canções preferidas de ninar. – “Boi, boi, boi da cara preta, pega essa menina que tem medo de careta!”... O mar misterioso misericordicamente a recebia sem reservas levando-a cada vez mais longe, para um caminho sem volta, para o horizonte de uma esperança em uma paz nunca encontrada em sua vida. Em nenhum momento ela quis voltar, não havia tempo, não havia nada. Sabia que estava aqui agora e nunca para sempre. Essa única certeza da sua infinitude a atraía, a chamava continuamente. Em seus últimos suspiros um só pensamento. Só o mar a entendeu! Abençoado mar!

A MULHER EXPRESS

Uma manhã de sol pálido, dia prenunciado, bom para andar lentamente colorindo com imaginação os postais conhecidos da cidade, Estefânia, moça bonita de pele macia, cabelos dourados, olhos sonhadores sai cedinho, pois a vida sempre lhe impõe pressa. Ela tem uma vida express: amor express, compras express, visitas express, alimentos express.

É tão serena a face da morte que a colhe de forma brusca. Tudo passa a não existir. Os cheiros, os gostos, a memória afetiva, a história interrompida. Os afetos se distanciam, ficam tão inalcançáveis, os sonhos destruídos... A casa de praia a ser feita, o batizado dos netos, a festa de aniversário da irmã, a viagem com o amado para reatar o amor, o perdão da briga que passou, a noite de lua cheia, a praia onde pisava na areia. Não há como dar os beijos prometidos, as desculpas adiadas, o álbum comprado para colocar novas fotos em preto e branco, suas favoritas; não haverá mais escritas, mais registros de uma vida, não haverá novas imagens. A estória terminou. Na rua tudo é dor, perplexidade, a morte causa espanto para quem fica ali admirando sua eficiência. – Vejam! Alguém diz: É tão jovem!

Enfim: Ouso perguntar:

- As mulheres hoje continuam a encher seus tonéis sem fundo?
- Reconhecem no espelho suas almas?



Ana Maria Lourenço de Azevedo

Doutora em Filosofia, Tecnologia e Sociedade pela Universidade Complutense de Madrid. Professora da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Líder do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Criança, Infância e Educação/GEPCIE/UFS e membro do RESSALT/UFS. E-mail: anater23@academico.ufs.br

Referências

AZEVEDO, Ana Maria Lourenço de. 13 Bruxas entre o espelho e a alma. Editora Criação. SE, 2016

DURAND, Gilbert. As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral. Trad. de Helder Godinho. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

ELIADE, Mircea. Aspectos do mito. Trad. de Manuela Torres; Revisão de Rute Magalhães. Lisboa: Edições 70, 1989.

MORENO, R.. A Imagem da Mulher na Mídia: Controle Social Comparado. São Paulo: Publisher Brasil, 2012.

MELETÍNSKI, E.M. Os arquétipos literários. Trad. de Aurora F. Bernadini, Homero F. de Andrade, Arlete Cavaliere. 2 ed. São Paulo: Atelier Editorial, 2002.

NASCIMENTO, Michelle Vasconcelos Oliveira do. Os desdobramentos do feminino na poesia de Florbela Espanca. Orientador: Maria de Lourdes Patrini-Charlon. Natal: UFRN/PPgEL, 2011. Tese (Doutorado em Literatura Comparada).

CHICO, MEU VELHO CHICO

Uma contribuição à literatura infantojuvenil em Sergipe

Yolanda Dantas de Oliveira

Este texto sintetiza uma modesta contribuição ao Projeto Cultura e Sergipanidade, desenvolvido pela Universidade Federal de Sergipe, em parceria com o Instituto Federal de Educação de Sergipe, Faculdade Pio Décimo / Aracaju e Universidade Federal do Rio Grande do Norte, sob a coordenação da Profa. Dra. Ana Maria Azevedo; é uma contribuição, em particular, à mesa “Literatura infantojuvenil na obra de autores sergipanos”, remotamente realizada em 09/10/2020. Ele trata de uma obra de caráter infantojuvenil intitulada **Chico, meu Velho Chico**, volume 1 da Coleção **Velho Chico** (Aracaju/SE, 2019) constituída de 3 volumes, dois dos quais aguardando publicação. O objetivo deste trabalho é o de destacar aspectos da referida obra no que se refere à motivação para escrevê-la, ao processo de criação e de escrita do texto e às peculiaridades do tema. A propósito dos desafios atuais de convivência do texto impresso com diferentes suportes de escrita, especialmente colocados à literatura infantojuvenil, inicialmente se faz oportuno um parêntese para uma rápida observação. Cada vez mais a produção literária no gênero impresso, para crianças e jovens, se faz necessária ante o predomínio das novas tecnologias que a esse público oferecem um aparato encantador como, computadores, smartphones, tablets, entre outros, além do acesso fácil às redes sociais, propiciando, assim, um ambiente novo no que se refere às práticas de leitura e escrita. Uma nova realidade que passa a exigir uma oferta cada vez maior, ao público citado, de uma literatura que seja mais desafiadora, enriquecedora, provocativa, tanto na sua apresentação visual, quanto na qualidade dos textos apresentados.

Não obstante os receios iniciais de que o livro impresso se tornasse um recurso obsoleto, a literatura acadêmica vem apontando possibilidades enriquecedoras na interação entre esse tradicional recurso e as novas tecnologias. Essa interação, conforme a literatura citada, tem colocado em

evidência uma convivência de qualidade ampliada entre ambos, o que pode potencializar a relação dos leitores com o texto escrito, especialmente no que se refere ao público acima em destaque. Nesse sentido, em entrevista ao CEALE (Centro de Alfabetização da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais/UFG), Regina Zilberman (MARÇO, 2016) ressalta o crescimento do campo da produção literária no modo impresso, particularmente no que diz respeito à literatura para crianças. Estudo por ela realizado (Zilberman, nov., 2014) revela que a produção literária para crianças e jovens no Brasil só é menor do que a dos livros didáticos, o que é muito animador. Para Zilberman (2016), esse gênero literário “tem resolvido bem, até melhor do que outras formas de linguagem verbal, a relação com os novos suportes”. Especialmente no que se refere à literatura infantil, a autora enfatiza que esta “pode circular em associação com outras mídias de comunicação de massa, vinculação com cinema, game”, além de se ajustar “com muita facilidade à produção digital, melhor do que qualquer outro gênero”, abrindo assim, segundo ela, “uma fronteira nova muito importante e muito promissora”. Não obstante observações como essas, ao mesmo tempo, há que se considerar, conforme também ponderam alguns autores, o fato de que os recursos tecnológicos hoje disponíveis, não substituem o prazer da experiência sensorial com o livro na sua materialidade, o que traz ânimo novo aos que apreciam e exercem o ofício da escrita.

Retomando a construção do texto **Chico, meu Velho Chico**, que é objeto da exposição feita por ocasião da participação no evento, inicialmente referido, serão destacados na sequência alguns aspectos relacionados aos tópicos acima indicados.

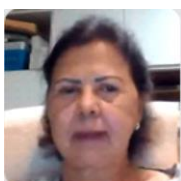
O desejo, por muito tempo alimentado, de falar para crianças e jovens sobre o Rio São Francisco nasceu ancorado, primeiro em razões afetivas e, segundo, em uma razão pedagógica e cidadã, vinculada a essa primeira. Foi um desejo de quem nasceu e viveu a infância numa pequena cidade às margens desse Rio e por isso, com ele laços afetivos construiu. Comunicar esse sentimento às pessoas em geral, e, às crianças e jovens em particular, socializando as experiências ali vividas, como constituidoras da minha história e da história da cidade onde nasci, tornou-se uma meta a

alcançar. Concomitante a esse desejo primeiro, um compromisso particular também foi guardado; um compromisso de educadora, cuja formação acadêmica e prática lhe deu elementos para revisitar a escola primária onde estudou, em Porto Real do Colégio/AL, à margem esquerda do referido Rio. Uma escola que não fugia ao modelo, à época, predominante: a escola do bê a bá, da cartilha, da tabuada do apelo à memória, da repetição. Nessa escola, a importância do Velho Chico parecia passar despercebida ou até mesmo subestimada, não obstante a sua presença grandiosa e decisiva na vida econômica e social da cidade. Ao tornar-me professora passei a me sentir devedora de uma narrativa feita do ponto de vista de quem o Rio São Francisco tão de perto conheceu.

Outro aspecto a considerar é que, desejei escrever sobre o Rio São Francisco com leveza, de modo não somente informativo, mas, também, de forma afetiva; pretendia tocar o coração (e a razão também) das pessoas, particularmente das crianças e jovens; afinal era o Rio que me viu nascer e crescer, lugar privilegiado da minha infância! Mas, isso não foi um intento de fácil realização, foram quase dez anos de tentativas diversas.

As primeiras tentativas de escrita do texto resultaram todas muito enciclopédicas e/ou acadêmicas; eram textos tão somente informativos e, desse modo, não atendiam a expectativa que tinha em relação a ele. O desafio implicava substituir um estilo acadêmico de escrita, exercitado por longos anos, em resposta às exigências do ofício de professora em nível superior, para um outro estilo mais livre, descomprometido com normas técnicas e amarrações teóricas; um novo estilo que me permitisse deixar falar o coração, com aceno especial ao público infantojuvenil. Uma nova forma de escrita que somente aos poucos veio se definindo em um lento processo de escrever e reescrever. Assim nasceu **Chico, meu Velho Chico**; um texto de caráter memorialístico, no qual, de forma despretensiosa, consegui imprimir um tom poético com rimas e ritmo. É provável que essa característica tenha ressurgido na minha escrita em razão de um gosto particular que tinha na infância, o de brincar com a sonoridade das palavras.

Por fim, quanto às peculiaridades do tema, o texto em foco fala da importância do Rio São Francisco, o Velho Chico, no seu tempo de glória, na dinâmica da vida das cidades ribeirinhas. Relembra as cheias e vazantes, como um processo natural, que transformava a paisagem, alterava a economia e o ritmo das cidades que em torno dele nasceram. Fala sobre a navegação que aproximava os Estados de Alagoas e Sergipe e promovia o comércio entre eles; coloca em destaque a sua importância para a comunicação, dos que nesses Estados viviam, com o resto do Brasil e com o mundo. Ao mesmo tempo, é um texto que denuncia a situação de penúria em que o Velho Chico, no presente, se encontra.



Yolanda Dantas de Oliveira

Possui Doutorado em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Professora aposentada da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisa História, Sociedade e Educação em Sergipe (NEPSE) e do Grupo de Estudos e Pesquisa Criança, Infância, Educação (GEPCIE). Email: Yolanda@yahoo.com.br

Referências

História da Literatura Infantil no Brasil. Entrevista concedida a Natália Vieira, Letra A / Jornal do Alfabetizador. Belo Horizonte / MG, nº45, 30 de março de 2016. Disponível em <http://www.ceale.fae.ufmg.br/entrevista-com-regina-zilberman>. Acessado em 02 de fevereiro de 2021.

ZILBERMAN, Regina. 2014. **Leituras brasileiras para crianças e jovens:** entre o leitor, a escola e o mercado. *Gragoatá. Revista dos Programas de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal Fluminense*. Niterói, n. 37, p. 221-238, 2. sem. 2014.

OBRAS DIDÁTICAS, LITERÁRIAS E PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA POLÍTICA TARDIA?

José Adelmo Menezes de Oliveira

Feito com pele de animal dobrada e presa numa das extremidades, escritas nos dois lados, o Codex deu origem ao tão conhecido Livro. O livro foi criado para atender à necessidade de registrar as tradições, costumes e descobertas realizadas pelos diversos grupos populacionais ao longo da história da humanidade. À medida que a humanidade foi se desenvolvendo, as civilizações foram se multiplicando, e foi ficando cada vez mais difícil guardar na memória das gerações mais velhas todo o legado a ser repassado para as futuras gerações.

Se nos detivermos no livro em sua forma mais difundida hoje em dia, o livro composto de cadernos reunidos, denominado pela palavra latina *codex*, devemos datar esse objeto como algo surgido em torno do século II ou III de nossa Era. A denominação *codex*, que significa árvore, madeira, advém do fato de que o livro, no formato de cadernos reunidos, utilizou durante muitos séculos pranchas de madeira como suporte e capas desses cadernos. No formato *codex* o livro é um objeto que perdura, pois, há cerca de dezoito séculos. (REIMÃO, 2004, p. 95).

Desde sua origem até os dias atuais o livro sofreu profundas e significativas mudanças, inclusive com o aparecimento do livro didático. No Brasil, a institucionalização de uma política estatal de elaboração e distribuição de livros escolares deu-se com a criação do Instituto Nacional do Livro (INL), por meio do Decreto-Lei n. 93, de 21 de dezembro de 1937, no governo Vargas. Mais adiante, conforme Cassiano (2007), foi criada a Comissão Nacional do Livro Didático (CNLD), através do Decreto Lei nº 1006, de 30 de dezembro de 1938. Assim, o atual Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), instituído em 1985, é originário dessas e de outras experiências correlatas, e vem passando por ressignificações e ampliação da abrangência e da distribuição.

No que respeita ao sentido do uso do livro didático, ora os governos adotaram-no como instrumento de ideologização, transformando-o num verdadeiro currículo. O conteúdo disposto nos livros servia à reafirmação de uma cultura comum, em oposição à diversidade cultural que constitui a

sociedade brasileira. Ora, os livros foram/são assumidos como um recurso didático complementar ao processo de ensino-aprendizagem. Entendeu-se que esse recurso didático carecia de associação a outras importantes políticas públicas. Nesse contexto, houve importantes

[...]modificações nas políticas direcionadas aos materiais didáticos, destacando-se entre outros procedimentos, a necessidade da melhoria qualitativa dos livros didáticos, a importância da capacitação adequada do professor para avaliar e selecionar os livros a serem utilizados e o estabelecimento de uma nova política do livro didático no Brasil. (KANASHIRO, 2008, p.55).

Quanto à ampliação da abrangência e distribuição, no PNLD não são elaborados e distribuídos somente livros didáticos das disciplinas Matemática e Língua Portuguesa para as Séries Iniciais. O Programa em tela contempla a elaboração e distribuição de livros didáticos para todas as disciplinas do Ensino Fundamental e Ensino Médio, inclusive para a Educação de Jovens e Adultos e Educação Especial. Todavia, o PNLD ainda não oferece integralmente os livros para a Educação Infantil.

Tardiamente, o Ministério da Educação e Cultura (MEC) publicou o Edital de Convocação nº 02/2020 – Convocação para o processo de inscrição e avaliação de obras didáticas, literárias e pedagógicas para o PNLD 2022, retificado em 28 de setembro de 2020. Este Edital prevê a aquisição de livros didáticos para a Pré-escola, a serem distribuídos a partir de 2022. Assim, o MEC pretende disponibilizar obras didáticas destinadas aos estudantes, professores e gestores da educação infantil, obras literárias destinadas aos estudantes e professores da educação infantil e obras pedagógicas de preparação para a alfabetização.

O referido Edital segue as disposições do Documento Referencial Técnico-Científico do PNLD 2022 - Educação infantil, elaborado por uma comissão designada pelo MEC, publicado em maio de 2020.

De acordo com este Documento, os produtos contemplados no PNLD para a Educação Infantil deverão contribuir para o cumprimento da Meta 5 do Plano Nacional de Educação – PNE, definido na Lei n. 13.005, de 25 de junho de 2014[4-1], que estabelece, para o Estado brasileiro, a missão de alfabetizar

todas as crianças, no máximo, até o final do 3º (terceiro) ano do ensino fundamental no prazo de dez anos. Do ponto de vista legal, as principais referências são a Base Nacional Comum Curricular — BNCC [2-1] e a Política Nacional de Alfabetização — PNA [2-2].

O modelo de avaliação pedagógica para a seleção estabelece os critérios gerais e específicos para cada componente das obras (livros do professor e do estudante e materiais digitais do professor), à luz dos fundamentos pedagógicos, constitucionais, legais e infralegais incidentes sobre a matéria, de forma expressa, objetiva e concisa. É bastante insistente a afirmação de que as obras pedagógicas de preparação para a alfabetização sejam baseadas em evidências, sem, contudo, esclarecer este termo considerando-se sua inexistência na literatura pedagógica, bem como o termo infralegal, citado acima. Ressalte-se que categorias ou expressões imprecisas, no contexto de uma política pública, geram preocupação e nos exige constante vigilância.

Por fim, é importante asseverar que a ausência de uma política pública robusta para fortalecimento da Educação Infantil, inclusive a sua não inclusão no PNLD, revela a desimportância a que esta etapa da educação escolar das crianças brasileiras tem sido historicamente submetida. Cabe dizer ainda, que o livro didático para a Pré-escola é fundamental para o processo educativo das crianças de 4 a 5 anos, visto que essas instituições seguem carentes de recursos didáticos, de acesso à internet, de mais recursos financeiros que assegurem a aquisição de materiais escolares e formação continuada para a equipe docente. O livro didático não resolverá todos os problemas de ensinagem e aprendizagem, mas, em grande medida, contribuirá para a melhoria dos processos pedagógicos nas Pré-escolas. Portanto, urgem a superação da letargia estatal e a imediata oferta de obras didáticas, literárias e pedagógicas para as instituições de Educação Infantil brasileira.



José Adelmo Menezes de Oliveira Doutor em Educação pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Professor do Instituto Federal de Sergipe (IFS). Líder do Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação Profissional e Tecnológica (GEPEPT). E-mail: adelmo.oliveira@ifs.edu.br

Referências:

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. Documento Referencial Técnico-Científico do PNLD 2022 - Educação infantil. Brasília/DF: 2020.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. Edital de Convocação nº 02/2020 – CGPLI Edital de Convocação para o Processo de Inscrição e Avaliação de Obras didáticas, Literárias e Pedagógicas para o Programa Nacional do Livro e do Material Didático PNLD 2022, Retificado em 28 de setembro de 2020.

KANASHIRO, Cíntia Shukusawa. **Livro didático de Geografia**: PNLD, materialidade e uso na sala de aula. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo: 2008.

REIMÃO, Sandra. **Livros e televisão**: correlações. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.

Biblioteca e ação PNLD

Edma Maria Sousa Evangelista Leite

De acordo com o Manifesto da UNESCO, o **Objetivo da Biblioteca Escolar** é fornecer “aos alunos as ferramentas que lhes permitirão aprender ao longo de toda a sua vida e desenvolver a sua imaginação, tornando possível que cheguem a ser cidadãos responsáveis”. Esse objetivo se estende às Públicas também. Com a criação do Programa Nacional do Livro Didático PNLD, a partir da publicação do Decreto nº 9.099, de 18 de julho de 2017, cujo papel seria adquirir e distribuir livros didáticos e literários para as escolas. Vislumbramos então um caminho para atingirmos esse objetivo que é o principal da biblioteca escolar, imaginando que a partir do recebimento dos livros pelas escolas, houvesse a criação de salas de leituras para dinamizar todo o acervo disponibilizado. Assim, vou iniciar a minha fala com alguns questionamentos a respeito da contribuição do PNLD em relação à escola, biblioteca e formação do leitor.

São eles:

- A ação de distribuir livros por si só, resolveria a questão da leitura?
- O espaço reservado para abrigar esse acervo é adequado?
- O acervo é utilizado?
- A escola tem professor, bibliotecário, mediadores de salas de leitura ou pessoal treinado/qualificado para ações de dinamização de leitura?
- A quantidade de livros distribuídos é suficiente para o número de alunos da escola?
- Dentre os livros selecionados para serem comprados e disponibilizados para as escolas, existem livros acessíveis?

Todos esses questionamentos nos levam a pensar qual a situação hoje das bibliotecas escolares, como esses livros estão chegando a essas

bibliotecas ou salas de leituras e como estão sendo utilizados. O que temos visualizado é um cenário crítico, pois ao mesmo tempo que ocorreu o avanço da inserção dos livros literários no programa, as escolas que os recebem não estão preparadas para a fazer a utilização desse material de forma adequada por uma série de questões dentre elas, o despreparo dos professores para trabalhar a literatura de forma a desenvolver o senso crítico no aluno. Na maioria de vezes, esses seguem cartilhas com modelos prontos para trabalhar e isso impede que tenhamos os resultados esperados, além do fato, de que os dinamizadores das salas de leitura quase sempre são aqueles professores que precisam ser afastados da sala de aula, ou um auxiliar administrativo sem a formação necessária para exercer o papel ao qual foi destinado. Por outro lado, observamos também que as escolas não possuem espaços destinados para as salas de leitura e assim, em muitas delas os livros ficam empilhados em salas fechadas onde alunos e professores não têm acesso aos mesmos. Outro fato que deve ser levado em consideração à qualidade desse material, visto que, os livros devem estar de acordo com a necessidade da escola e do momento, nesse ponto, sinto falta da inclusão da literatura regional, dos livros acessíveis que ficam fora da avaliação para aquisição, deixando esse processo a cargo do Estado ou Município, que nem sempre o fazem.

Assim, vejo que temos muito a fazer para transformar essa realidade. Primeiro precisamos cobrar melhorias no Programa PNLD; segundo, vem a questão da responsabilidade de cada profissional envolvido no processo, no sentido organizar espaços para disponibilizar o acervo recebido, elaborar e executar projetos de incentivo à leitura, buscar se capacitar a fim de se tornar capaz de trabalhar os conteúdos, de forma a levar o aluno a praticar leitura de forma prazerosa, de levá-lo a pensar a desenvolver um senso crítico a partir do que ele leu. A literatura pode e deve ser utilizada em várias disciplinas, não apenas nas aulas de português e literatura, porém, para que isso aconteça, o professor precisa gostar de ler e compreendê-la como uma ferramenta a mais para suas aulas, e ter a consciência de que a leitura é parte da na construção do sujeito.

Entendo que a leitura é um processo dinâmico e transformador e a biblioteca é o meio mais viável para chegar até ela. Portanto, nós os

professores, dinamizadores e bibliotecários devemos fazer a nossa parte, desenvolvendo com responsabilidade as funções que nos são inerentes a fim de que possamos tornar as salas de leitura e as bibliotecas, em ambientes dinâmicos, ativos e disponíveis para todos.



Edma Maria Sousa Evangelista Leite
Bibliotecária e Documentalista pelas Faculdades Integradas
Tiradentes. Coordenadora da Biblioteca Central da
Faculdade Pio Décimo. E-mail: edma@piodecimo.edu.br

Referências

AMORIM, M. A. de.; SILVA, T. C. da. O ensino de literaturas na BNCC: discursos e (re)existências possíveis. In: AMORIM, M. A. de; GERHARDT, A. F. L. M. (Orgs.) A BNCC e o ensino de línguas e literaturas. Campinas: Pontes Editores, 2019, p. 153-179.

BICHERI, A. L. A. O.; ALMEIDA JUNIOR, O. F. Bibliotecário escolar: um mediador de leitura. Bibl. Esc, Ribeirão Preto, v. 2, n. 1, p. 41-54, 2013.

BRASIL. Presidência da República. Lei Nº 12.244 de 24 de maio de 2010. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivel_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12244.htm > Acesso em: 10 nov. 2020.

CADEMARTORI, L. Literatura infantil. 2010. Disponível em: Acesso em: 28 jan. 2016.

CORTELETE, Juliane Luiza Schons. O papel da biblioteca na formação de leitores infantis. Ijuí/RS UNIJUI, 2016.

FNDE. Programas de bibliotecas da escola. 2015. Disponível em: . Acesso em: 16 nov. 2015.

FNDE. Programas do livro: edital do PNLD literário. 2018. Disponível em: <http://www.fnde.gov.br/index.php/programas/programas-do-livro/consultas/editais-programas-livro/item/11568-edital-pnld-liter%C3%A1rio>. Acesso em: 25 nov. 2020

MIRANDA, A. L. Moral da história. Nova Friburgo, RJ: Grlam Editores, 2015. Disponível em: Acesso em: 17 mar. 2016.

NASCIMENTO, D. V. K. Livro didático e leitura literária nos anos finais do ensino fundamental. Revista. Brasileira de Linguística Aplicada, v. 19, n. 1, p. 119-145, 2019.

ORLANDI, E. P. Discurso e texto: formação e circulação dos sentidos. Campinas, SP: Pontes, 2001.

PAIVA, Jane; Andréa Berenblum. Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE): uma avaliação diagnóstica. Pro-Posições, Campinas, v. 20, n. 1 (58), p. 173-188, jan./abr. 2009.

PENTEADO, Maria Inês Piva. A literatura infantil e juvenil e o bibliotecário mediador de leitura. Rio Grande: FURG, 2010.

PIAGET, J. O juízo moral na criança. Tradução Elzon L. 2. ed. São Paulo: Summus, 1994.

PINHEIRO, M. I. S. Biblioteca escolar na visão das crianças do ensino fundamental. Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis, v. 22, n. 1, p. 31-37, dez./mar., 2017. Disponível em: . Acesso em: 03 abr. 2017.

PINHEIRO, M. I. S.; RODRIGUES, L. R. Q. Bibliotecário nas escolas: um bem que faz bem ao futuro das crianças. Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis, v. 19, n. 2, p. 260-271, jul./dez., 2014.

SANTOS, Alessandra Rufino.

A importância da literatura como fonte de pesquisa na construção do pensamento social brasileiro. Roraima: UFRR, 2010.

SILVA, E. T. Leitura e realidade brasileira. Porto Alegre: Mercado aberto, 1997.

SOARES, M. As condições sociais da leitura: uma reflexão em contraponto. In: SOUZA, A. S.; CAVALCANTE, I. F. Teoria da Literatura I. Natal: IFRN. 2012.

VALVERDE, Ivanete Ferreira da Costa. A influência da literatura para a formação do caráter do leitor. Brasília: UNB, 2015.

ZILBERMAN, R. A teoria da literatura nos bancos escolares. In: CECHINEL, A. (org.). O lugar da teoria literária. Florianópolis/Criciúma: Editora UFSC/EDIUNESC, 2016, p. 395-417.

ZOARA, F. (org.) Retratos da leitura o Brasil 4. Rio de Janeiro: Sextante, 2016.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

O projeto de Extensão Universitária Cultura e Sergipanidade: viagens pelo mundo da Literatura teve como objetivo a realização de interfaces entre a Universidade Federal de Sergipe/UFS e a sociedade, promovendo diálogos interativos com públicos diferenciados: professores e alunos de instituições públicas e particulares. Sua grande contribuição, no entanto, foi a realização de uma proposta extensionista com intercâmbio de quatro universidades em regime de colaboração.

Em suas teorias da ação cultura, Freire (1980, p.145) coloca-nos algo que traduz a nossa finalidade na produção da extensão: “(...) os homens são seres do “quefazer” porque seu fazer é ação e reflexão. É práxis. É transformação do mundo”. As ações de extensão, nessa perspectiva, são promotoras de resposta aos múltiplos desafios da universidade contemporânea, lembrando-nos que sua função não é só produzir conhecimento, mas também torná-lo acessível. E, desse modo, abrir caminhos que respondam aos anseios de uma sociedade caracterizada por fortes desigualdades sociais. Por meio de práticas extensionistas, a universidade assume sua responsabilidade com o desenvolvimento social, socializando saberes com e para a melhoria de vida da população, especialmente aquelas mais fragilizadas da sociedade.

Entretanto, o que pensamos e praticamos como extensão não se constitui como uma via de mão única, unilateral, da universidade para a sociedade, mas consiste em uma via de mão dupla. Ou seja, há a preocupação em buscar uma relação de reciprocidade, transformadora, em que o saber científico se articula ao saber popular, em um movimento atravessado pela realidade social, que inspira o nosso pensar e fazer. É nesse contexto que se inseriu o Projeto Cultura e Sergipanidade, oportunizando que universidade e sociedade dialogassem sobre a relação cultura e literatura sergipana. Como decorrência dessa experiência, é possível ressaltar algumas contribuições:

- O destaque para a visibilidade de autores e pesquisadores da literatura sergipana, enfatizando a identidade sergipana;
- A indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão;
- A apropriação da realidade local e regional como espaço de ressignificação do conhecimento literário e da cultura local;
- A receptividade da comunidade escolar (professores e alunos) ao projeto, mantendo uma boa participação nos seis eventos realizados, que demonstrou uma consciência de cidadania para as questões culturais;
- A promoção de seis eventos com temas diversos revisitando a cultura e a literatura como contribuições à nossa;
- A integração de docentes e alunos da educação básica ao ensino superior;
- A socialização da diversidade dos saberes e produções culturais;
- A adesão ao projeto foi muito significativa, impondo-nos a ampliação de vagas nos eventos.

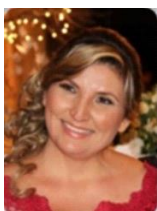
Diante das contribuições elencadas, das diversas discussões e reflexões que ainda podem ser compartilhadas em práticas extensionistas e da experiência vivenciada com o Projeto Cultura e Sergipanidade, as universidades parceiras optaram pela continuidade do projeto, um fato que demonstra a sua importância e também a expectativa da comunidade acadêmica em sua formação cultural e humana. Portanto, não estamos encerrando um projeto, mas continuando a história, acreditando que

O conhecimento continua fascinando os que dele se apropriam, quer seja proveniente do meio científico ou do senso comum (...) continua convidando os interessados para revisitar, na história, os seus primeiros passos rumo à tentativa de compreender os fatos e a realidade do mundo que cerca o homem (ZIMMERMANN; SILVEIRA; CRISOSTIMO, 2017, p. 51).



Ana Maria Lourenço de Azevedo

Doutora em Filosofia, Tecnologia e Sociedade pela Universidade Complutense de Madrid. Professora da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Líder do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Criança, Infância e Educação/GEPCIE/UFS e membro do RESSALT/UFS. E-mail: anaterra23@academico.ufs.br



Simone Damm Zogaib

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Professora da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisa Criança, Infância e Educação (GEPCIE/UFS) e do Grupo de Estudo em Educação Matemática do Espírito Santo (GEEM-ES). E-mail: simonedammzogaib@gmail.com

REFERÊNCIAS:

FREIRE, Paulo. **Conscientização**. São Paulo: Cortez e Moraes, 1980.
Pedagogia da Indignação: cartas e outros escritos. São Paulo: UNESP, 2000.

ZIMMERMANN, Marlene Harger; SILVEIRA, Rosimari Monteiro Castilho Foggiatto; CRISOSTIMO, Ana Lúcia. A extensão universitária intra/extramuros e a construção do conhecimento científico. In: CRISOSTIMO, Ana Lúcia;

SILVEIRA, Rosimari Monteiro Castilho Foggiatto. (Org.) **A extensão universitária e a produção de conhecimento**: caminhos e intencionalidades. Guarapuava: Unicentro, 2017. p. 28-54

DEPOIMENTO

Sônia de Ávila

Poder participar dos resultados deste projeto de cultura e literatura do estado de Sergipe tem sido muito importante para mim. Além de aperfeiçoar e ampliar minha visão de mundo conhecendo a literatura sergipana e seus autores, trouxe grande contribuição para nós futuros discentes de ciências humanas, (educação, letras e outros).

Nestes momentos que atravessamos uma Pandemia, passamos pesquisando sobre a cultura, cantos, danças, um grande acervo cultural, além da riquíssima literatura de cordel, o lúdico das historinhas infantis. Conhecemos novos autores e alcançamos novas perspectivas para um futuro na prática literária e cultural que podemos guardar na memória.

Para minha formação acadêmica em Letras tem sido de grande relevância a atuação neste Projeto de Extensão, pois venho adquirindo novos conhecimentos, desenvolvendo habilidades e competências para melhor exercer minha vida acadêmica e profissional. Somando aos conhecimentos adquiridos é muito bom estar no meio de pessoas tão especiais, profissionais e acadêmicos que só me acrescentam a cada dia, despertando o meu interesse pela literatura e cultura deste estado.

Por meio deste projeto, contemplamos novos rumos no sentido de divulgar inúmeras tradições literárias não reconhecidas ou valorizadas que nos ajudará a contribuir futuramente com outros cidadãos e instituições onde estejamos inseridos, despertando o desejo pela leitura e pela cultura sergipana.



Sônia de Ávila Santos
Professora da Educação Básica (séries iniciais) e Educação Infantil
Graduanda em Letras Português e Espanhol pela Universidade federal de Sergipe. Email: soniadeavilas@gmail.com

CARTA DE MANIFESTAÇÃO DE INTERESSE AO PROJETO (BOLSISTA APROVADA)

Prezada professora Ana, estou cursando Letras Português e Espanhol nesta instituição. Tenho por intuito conhecer com mais afinco a cultura sergipana, as literaturas de cordel, os romances, poesias, a literatura infantil, além de reproduzir e divulgar estes conhecimentos em diversas áreas educacionais. Cursei o antigo magistério que me proporcionou atuar em escola pública municipal e em algumas escolas privadas de educação infantil. Apresento desenvoltura para dar palestras, já atuei e posso dar minha contribuição com contação de histórias ou atividades de leituras, pesquisar e colher dados da cultura e de autores sergipanos também auxiliando nas apresentações em espaços culturais e em escolas públicas. Tenho espírito de liderança, pro atividade, capacidade de gestão, entrosamento em equipe, comprometimento, criatividade e bom humor. Estou em disponibilidade para viagens, já participei do PIBID DLES, possuo noções de Word, Power Point, Excel e sou fluente em Espanhol. Carrego um grande apreço pelo estado de Sergipe e reitero o meu interesse em compor o quadro deste projeto, me colocando à disposição do mesmo.

Agradeço desde já a atenção dispensada.

Atenciosamente: Sônia de Ávila

EXTRATOS E COMENTÁRIOS SOBRE OS EVENTOS

“Na espera deste evento, Cultura e Sergipanidade, parabéns UFS e instituições pelo grande presente! Boa Noite!”
Chat Youtube

“A palestra foi muito enriquecedora, momentos de apresentação de autores e divulgação da literatura. Os contos vieram dando um embelezamento à fala da palestrante Professora Manuela Rodrigues, que abrilhantou a noite com seus esclarecimentos do autoconhecimento feminino.”
Chat Youtube

REFERÊNCIAS DO PROJETO

ALENCAR, Aglaé D, fontes. Danças e Folguedos: Iniciação ao Folclore Sergipano. Aracaju (s/n) 1988

AZEVEDO, Ana Maria Lourenço de. 13 Bruxas: entre o espelho e a alma. Aracaju: Editora Criação, 2016.

AZEVEDO, Sônia. Especiarias da Essência humana. Aracaju: Editora J Andrade, 2012 BRAGA, Elizabeth dos Santos. A Constituição social da memória: uma perspectiva histórico-cultural. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2000.

BRITTO, Carlos Ayres. Varal de Borboletas. Aracaju: Gráfica J. Andrade, 2003

BROUGÈRE, Gilles. Brinquedo e cultura. São Paulo: Cortez. 1997. CORSARO, William A. Faz de Conta, aprendizagem e infância viva. Revista Pátio: educação infantil, ano IX, n. 27, p. 12-15, abr./jun. 2011.

CAVALCANTI, Joana. Caminhos da literatura infantil e juvenil: dinâmicas e vivências na ação. São Paulo: Paulus, 2002. CARDOSO, Ana Leal – Alina Paim: Resgate de uma narrativa poética. Aracaju: Artner Comunicação, 2017.

CARVALHO, Vladimir Souza. Vila de Santo Antonio de Itabaiana. Aracaju, Gráfica e Editora J. Andrade, Aracaju, 2009. CUNHA, Charles Moreira. Memórias Docentes: Convocações do presente. Jundiaí, SP: Paco, 2017

CARPEAUX, Otto Maria. Pequena bibliografia crítica de literatura brasileira. 3. ed. Rio de Janeiro: Letras e Artes, 1964.

CASCUDO, Luís da Câmara. Prefácio. In: SOUZA, J. Santo. Cidade Subterrânea. Aracaju: CISLA, 1953. _____ J. Santo. Arquipélago de Sombras. In: A Construção do Espanto. Aracaju: Fundação Augusto Franco/ Sociedade Editorial de Sergipe, 1998. _____ J. Santo. 1ª âncora. In: Âncoras de Argo. Aracaju: Fundação Augusto Franco/ Sociedade Editorial de Sergipe, 1994. 8

COSTA, Cristina. A imagem da mulher: um estudo de arte brasileira. Rio de Janeiro: Senac, 2002

COSTA, Marta Morais da. Literatura Infantil. Curitiba: IESDE, 2006 FONTES, Ilma. Poesia em Carne Viva. Governo do Estado de Sergipe. Segrase. Aracaju, 2019

GUIMARÃES, Estácio Bahia. Pedras e Avenças. João Pessoa: Moura Ramos Gráfica e Editora, 2018.

LIMA, Jackson da Silva. História da Literatura Sergipana V.1. Aracaju, FUNDESC, 1971.

LISPECTOR, Clarice. Perto do coração selvagem. 15. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.

MARQUES, Núbia Nascimento. Caminhos e atalhos. Aracaju: Habitacionais Construções S.A; SEGRASE, 1997. _____. Todo Caminho é um Enigma. Aracaju: Belo Edições & Arte, 1989.

PAIM, A Estrada da Liberdade. Rio: Leitura, 1944. A. Simão Dias. Rio. CEB, 1949. _____. A Hora Próxima. Rio: Vitória, 1955.

ROSENFELD, Anato Literatura e personagem. In: CANDIDO, Antonio; et al. A Personagem de Ficção. São Paulo: Perspectiva, 2007

SOUZA, Santos, Concerto e Arquitetura. Aracaju: Prefeitura de Aracaju – Divisão de Cultura, 1974 SOUZA, J. Santo. Crepúsculo dos Esplendores. Aracaju: Fundação Augusto Franco/ Sociedade Editorial de Sergipe, 2008.

SOUZA, _____ J. Santo. Noite Inaugural. In: A Construção do Espanto. Aracaju: Fundação Augusto Franco/ Sociedade Editorial de Sergipe, 1998.